

## RESENHA

### **Conquistadores peregrinos:** sinopse da história global da exploração da Terra, por Fernández-Armesto

### **Travelling conquerors:** a glimpse on the global history of the exploration of Earth, by Fernáendes-Armesto

Jurandir Malerba\*

---

Resenha a Felipe Fernández-Armesto. *Os desbravadores*. Uma história mundial da exploração da Terra. Tradução: Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 532 p. Ilust.

---

Muitos historiadores investigaram a feitura do mundo moderno desde as concomitantes descobertas européias do novo continente em 1492 e das velhas civilizações em torno do Oceano Índico, em 1498. Nos séculos subseqüentes, os “atrasados” europeus de então não apenas adquiriram habilidades e poder, mas igualmente vieram dominar grande parte do planeta, num longo processo que se denominou “a ascensão do Ocidente”. Teorias divergentes explicaram este deslocamento fundamental na história mundial de várias maneiras, resultando num debate vital entre os historiadores da *World History* – depois *Global History* –, uma abordagem de grande difusão no

---

\*Professor PPGH-PUCRS. E-mail: jurandir.malerba@pucrs.br.

espaço anglo-saxão, porém menos popular nas áreas de influência cultural neolatinas, como o caso do Brasil. Um aspecto candente deste debate é o da periodização da globalização. Enquanto alguns defendem uma origem muito recente dela, outros vêem o fenômeno na longuíssima duração. Entre os autores centrais desse debate contam Jerry Bentley (*Old World Encounters*, 1992), Robert Marks (*The Origin of the Modern World*, 2002), Janet Abu-Lughod (*Before European Hegemony*, 1989), Andre Gunder Frank (*ReOrient: The Global Economy in the Asian Age*, 1998), o clássico de Fernand Braudel (*Civilização material, economia e capitalismo*, 3 v.) e o recente *Os desbravadores*, do professor das universidades de Oxford e Londres Felipe Fernández-Armesto. Aclamado pela crítica especializada, ambiciosa história da exploração dos confins do planeta, o livro de Fernández-Armesto estabelece um novo padrão para os estudos históricos congêneres. Apresentando o assunto pela primeira vez em uma escala verdadeiramente global, Fernández-Armesto segue as trilhas dos descobridores que, nos últimos cinco mil anos, definiram as rotas de contato que estabeleceram as fronteiras geográficas do globo.

E, de fato, poucos historiadores abordaram temas da história global de maneira tão ousada e inovadora quanto Felipe Fernández-Armesto, e talvez ninguém o fez de maneira mais prolífica. Nos últimos anos, escreveu histórias do milênio (1995), das civilizações (2000), do alimento (2001), das idéias (2003), das Américas (2003) e do conceito da humanidade (2004). Esses trabalhos são dignos de nota por causa de seu apelo ao grande público, para além do mundo acadêmico, e respeitados por suas características: audácia e inteligência. Ao mesmo tempo, Fernández-Armesto continuou a publicar capítulos em volumes editados e artigos em jornais científicos sobre vários aspectos da história Ibérica e da expansão ultramarina europeia. Em *Os desbravadores* (originalmente publicado em inglês em 2006), esses interesses intelectuais convergem. Trata-se de uma grande narrativa da exploração, desde o surgimento do *homo sapiens* até o século XX, em nove capítulos dispostos cronologicamente (“A dispersão”, “A expansão marítima”, “Os caminhantes”, “O impulso”, “O salto”, “A circunavegação”, “A confluência”, “O avanço final” e

“A globalização”), que invocam a trajetória de longo prazo da exploração humana. Subjacente a essa estrutura narrativa, arma-se um conceito de história a partir dos pólos binários da divergência – os modos como a humanidade criou e fomentou diferenças – e convergência – ou como os grupos humanos “voltaram a se por em contato, trocaram dados culturais, copiaram os modos de vida uns dos outros e se tornaram novamente mais parecidos entre si” (p. 13). Ambas as histórias, afirma o autor, são histórias de exploração.

Para descrever o processo de divergência que caracterizou a maior parte da história da humanidade, Fernández-Armesto costura evidências tomadas à primatologia, à paleoantropologia e à arqueologia. Ele sugere que a Idade da Pedra foi a época mais “globalizada” da história da humanidade. Quando as mudanças no clima global, após a última glaciação, levaram os seres humanos a procurar alternativas de sobrevivência, as divergências culturais aceleraram, na medida em que os grupos foram se adaptando aos novos ambientes. Nesse esquema, a convergência é um fenômeno quase tão velho quanto à divergência, pois conforme as sociedades foram se isolando, começaram a procurar umas pelas outras. A agricultura sedentária e a urbanização promoveram a produção excedente e a especialização, instituindo o mercado. Além disso, as práticas mesmas da agricultura e da vida sedentária eram em si formas transmissíveis de cultura, espargidas pelos primeiros exploradores. Descobertas arqueológicas de produtos oriundos de diferentes ecossistemas nos assentamentos de comunidades de exploração agrícola pré-históricas sugerem, segundo o autor, que os descobridores estiveram supostamente em ação, mesmo que continue sendo impossível reconstruir as rotas e a natureza de tal comércio. A melhor evidência para o estabelecimento de contatos de longo alcance está disponível do segundo milênio antes de Cristo adiante, para as civilizações de Eurásia e de África. A este período pertence o primeiro explorador especializado conhecido pelo nome, o egípcio Harkhuf, que conduziu expedições ao longo do Nilo.

Fernández-Armesto sustenta que as rotas marítimas eram mais importantes do que as rotas terrestres, na perspectiva da história glo-

bal, porque elas permitiam transportar mercadorias mais rápida e economicamente e apresentavam maior potencial para a exploração. O autor insistentemente enfatiza a importância da descoberta e do uso de sistemas e correntes de vento. Como em todos os grandes oceanos predominam sistemas eólicos estáveis, o desafio principal dos exploradores foi desde sempre desvendar os padrões do ambiente oceânico. Em comparação com essa descoberta, pensa Fernández-Armesto, a cultura, as idéias, o gênio ou o carisma individual, as forças econômicas e todos os demais “motores da história” são insignificantes. O autor levanta a hipótese de que “opressivamente, a história da exploração marítima foi feita ao vento”: os desbravadores do mar preferiram navegar de encontro aos elementos e evitaram seguir cegamente os ventos, para permanecer dentro de uma distância segura para o retorno. Só em alguns casos, tais como os do verdadeiro heroísmo dos navegadores noruegueses ou os waqwaq, que os marinheiros se confiaram a seguir os ventos sem a garantia de um retorno seguro.

Nessa perspectiva, não é de se surpreender que o Oceano Índico, com seu sistema previsível de ventos sazonais, tenha surgido como berço da navegação de longo termo. Ao mesmo tempo, este ambiente atuou igualmente como um obstáculo na exploração para além de seus limites. Ao Norte e ao Leste, ele é limitado pelos maciços continentais da Ásia e da África, ao Sul situa-se uma faixa de tempestades que impede a navegação, e a Leste há a zona de tufões do Japão e a vastidão do Pacífico. Além disso, a intensa atividade comercial no Oceano Índico e a riqueza das sociedades ao longo de seu litoral pouco estimulavam viagens longas e perigosas de descoberta. De fato, seu comércio marítimo foi em geral caracterizado pela limitação do transporte disponível com relação à demanda comercial. Isto acontecia, sugere o autor, porque os povos do Oceano Índico inicialmente receberam bem os aventureiros europeus, que eram “truculentos, exigentes, bárbaros, e freqüentemente violentos, mas que se somaram ao estoque do transporte índico e, desse modo, contribuíram para o aumento geral da riqueza”.

O cerne do livro reside em seu exame das causas e dos processos da expansão ultramarina ou, como o autor prefere, da expansão

européia *via* oceano Atlântico. Sublinha-se que o imperialismo marítimo europeu situava-se especificamente nas costas atlânticas da Europa Ocidental, a periferia da Eurásia. O papel singular e terrível da região na história mundial é ainda mais estarrecedor, porque o lado ocidental da Europa fora historicamente um pólo receptor no processo de transmissão de cultura; nesta perspectiva, os ocidentais são a escória da história euro-asiática, e a saliência que eles habitam é o ralo para onde a história euro-asiática escoou (Braudel chama a Europa de “o pequeno cabo asiático”!). *Os desbravadores* oferece algumas explanações conhecidas para explicar a expansão ibérica, tal como a pobreza de seus reinos marginais, o ideário de cavalaria de que estava impregnada a baixa nobreza, que lutou por glória e riquezas, e o desejo de superar o domínio dos magrebinos no comércio transaariano de ouro. Particular ênfase é depositada na descoberta e na ocupação das ilhas atlânticas por Castela e Portugal como verdadeiros acasos divisores de águas, fornecendo as bases do comércio atlântico que facilitaram a exploração das rotas oceânicas. A exploração rentável dessas ilhas, especialmente com a produção de açúcar, igualmente deu aos investidores os recursos e a confiança necessários para subscrever novas viagens atlânticas. De igual importância foi a privatização do direito de exploração, que garantiu a navegação em torno da África ocidental.

A cena assim disposta, um elenco familiar de personagens surge: Cabot, Vasco da Gama, Colombo, Cabral, discutidos com grande entusiasmo e conhecimento. O exame das viagens de Colombo é particularmente delicioso em sua desconstrução de lendas recorrentes. Colombo revisou os cálculos (notavelmente exatos) dos gregos clássicos, subestimando o tamanho da terra em 20% para defender que a Ásia poderia ser alcançada em poucos dias. Navegou movido mais pela visão profética do que pela habilidade náutica, sua façanha uma “viagem mais divina que humana” (p. 215). Não obstante, sua segunda viagem de 1493 foi de enorme importância, porque estabeleceu uma rota viável para a exploração futura. *Os desbravadores* também discute exploradores menos conhecidos, tais como o espanhol Andrés de Urdaneta, quem o autor considera uma figura de

importância primordial na história do mundo, por causa de sua descoberta da rota Acapulco-Manila. Como os descobridores atlânticos, sua realização havia se tornado possível por ele ousar navegar ao sabor do vento, sem a certeza do retorno.

Os capítulos finais examinam diversas façanhas do descobrimento, tais como a exploração territorial das Américas, o cruzamento da Sibéria e a busca pela mítica *Terra Australis*. Na maior parte do interior da África permaneceu um espaço em branco no mapa ainda no século XIX, quando aventureiros que esperavam colocar seus relatos de viagem nas listas do mais vendidos suplantaram comerciantes e missionários na vanguarda da exploração. Outra linha da narrativa é o papel do desenvolvimento do conhecimento científico: a cartografia, os cronômetros, a “medicina prática” (contra o escorbuto). Inevitavelmente, num trabalho dessa dimensão, os especialistas levantarão suas discordâncias. Algumas delas podem bem resultar da propensão de Fernández-Armesto de lançar frases provocantes. Esta é uma característica marcante do estilo do autor e faz de *Os desbravadores* uma leitura instigante e rica. A falta de uma bibliografia final é compensada por um excelente índice remissivo e pelo conjunto de finas ilustrações, especialmente os requintados mapas antigos, feitos a mão.

*Os desbravadores* traz um escopo e uma perspectiva verdadeiramente novos à história da exploração e das forças tecnológicas, sociais, econômicas e psicológicas que a conduziram. Sua realização central consiste em mostrar que a exploração foi em geral “uma marcha de insensatez, em que quase cada passo adiante foi o resultado do fracasso de um salto tentado para frente”.

Recebido em 31 de julho de 2009.  
Aprovada em 23 de setembro de 2009.